



QUINZENÁRIO ANUNCIADOR, LITERÁRIO, NOTÍCIOSO E DEFENSOR DOS INTERESSES DA FREGUESIA DA AJUDA

Administrador: J. A. SILVA COELHO

Director: ALEXANDRE ROSADO

Editor: ANTONIO DE CAMPOS AÇO

Propriedade da Pap. e Tip. GRAFICA AJUDENSE, C. da Ajuda, 176, Telef. B. 329

Filiado no Sindicato
da Imprensa Portuguesa

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Redacção, Administração, Composição e Impressão:
Calçada da Ajuda, 176 — LISBOA

NÃO podemos, como era nosso desejo, publicar hoje uma curiosa entrevista sobre o Bairro Económico da Ajuda, o que faremos no próximo número, e que certamente muito interessará os nossos numerosos leitores.

NEM todas as pessoas são igualmente constituídas, como já está verificado cientificamente. Mas que haja órgãos deslocados é que não é caso vulgar. Porém é verdade.

Foi em França apresentado o caso duma doente de 25 anos a quem iam operar duma apendicite, e que, por o diagnóstico se não apresentar claro, foi sujeita a radiocospia. Apurou-se então que o tígado, o estomago, o coração, a aorta, o duodeno e o cólon, estavam totalmente invertidos. Imagine-se agora, qual seria a cara do operador se, ao abrir a barriga da doente, viesse a encontrar tudo ao contrário!

FOMOS procurados por vários moradores da freguesia, que nos pediram para que chamemos a atenção da Companhia dos Electricos, no sentido de se conseguir que os carros destinados á Calçada da Ajuda e que fazem manobra na Rua da Bica, não fiquem tam distanciados da esquerda da Calçada, pois isso acarreta incomodos aos passageiros, e principalmente quando chove, em que estes têm que palmilhar bastantes metros, muitas vezes, carregados com embrulhos, como já temos observado. Não poderá a Companhia fazer as agulhas de maneira aos carros seguirem até ao fim da rua, como era natural? Aí fica o pedido que muito justo achamos.

CONTINÚA retida no leito a Ex.^{ma} Sr.^a D. Sara Agostinho Morais, extremosa esposa do nosso querido amigo e valioso colaborador sr. Agostinho Antonio, mui digno official da armada. Um rápido e completo restabelecimento, é o que sinceramente lhe desejamos.

PELOS PEQUENINOS

A miséria que vai pela nossa freguesia, é pavorosa.

Estamos no começo do inverno, que se nos afigura álgido bastante, e é ver esse cortejo de criancinhas tirando de frio, esmolando pelas ruas da freguesia.

Na maioria dos casos, os pais não têm trabalho, ou estão doentes em hospitais, é a resposta que invariavelmente dão essas crianças, ao serem interrogadas. E quantas vezes, num interrogatório sumaríssimo, se ouve a história triste e infundável dessas débeis criaturas, que nunca passarão de pobres raquiticos, tam abalado o seu organismo tem sido, pelas privações sofridas.

Só almas empedernidas se não comoverão, ao presenciar tanta miséria.

E não há direito, não é humano que tal se verifique.

¿Que culpa tiveram essas crianças de ter vindo ao mundo?

Que tortura a de seus pais, que têm um coração tal qual como nós, ao ouvi-las pedir pão e agasalho e não terem para lh'o dar.

Ah leitores! Como enlouquecerieis de desespero, se um dia, vossos filhos tivessem tal provação!

Idé ver, como nós, essas cavernas miseráveis onde se albergam esses inocentes e depois, meditai uns minutos apenas... Pensai nos filhos queridos, para quem fazeis os maiores sacrificios de forma a nada lhes faltar e estabelecei o paralelo...

Mas podemos todos, sem grande sacrificio contribuir para enxugar muita lágrima. Todos sabem onde mora essa fatalidade. Começai a prestar auxilio no Casal dos Ossos e acabai nas furnas de Monsanto. E' aí, que esses espectros habitam. Não é preciso exhibicionismos. E' preciso humanidade.

Podeis socorrê-los com algumas roupinhas ou calçado que já a vossos filhos não sirvam e que muita falta fazem aos pequeninos párias, quando de manhã, vão nas suas digressões rebuscando nos caixotes do lixo algum bocado de pão, que pressurosos dividem pelo irmãozinho que os acompanha.

Como nos chegamos a envergonhar de pertencer á espécie humana!

Este número foi visado pela Comissão de Censura

PEDIDOS vários chegam até nós, para que consigamos fazer desaparecer aquele triste espectáculo que são as piteiras da Rua da Bica, e que não compreendemos porque se espera e se não destruíram já. Meia duzia de dias, desde que haja vontade em reconhecer a razão que assiste aos que se nos dirigem, será o bastante para que tal vergonha desapareça.

HÁ uns tempos atrás, constituiu novidade nos Estados Unidos o aparecimento dumas máquinas automáticas para venda de cigarros. O freguez introduzia uma moeda convencionada e carregava num botão indicativo da marca de tabaco desejada. Imediatamente surgia o maço de cigarros, acompanhado da competente caixa de fósforos, e o freguez podia ouvir distintamente pronunciado pela máquina: «Thank you».

E' de facto uma máquina com melhor educação que muita gente boa...

NÃO compreendemos o motivo porque, em algumas noites, a iluminação pública na nossa freguesia é tam deficiente. Artérias ha em que a dois metros distanciados dum candieiro, nada se vê, tal a escuridão. Não sabemos a quem nos dirigir para reclamar contra tal deficiencia, que se nos afigura ser um caso importantissimo, porque a nossa freguesia tambem pertence a Lisboa, embora pareça que não.

EMQUANTO que a temperatura do sol está calculada em 6.000 graus, está já determinado que ela, á superficie das «manchas» solares, baixa consideravelmente a 4.000 graus, e até 1.000 e menos.

O corpo humano é uma maravilhosa máquina, mas para a fazer funcionar saiba-se que são precisos mais de 10.000 órgãos, que funcionam como alavancas, 500 e tantos musculos, 160 ossos e 10.000 nervos!

A Favorita da Ajuda

DE

ANTONIO DIAS

147, Calçada da Ajuda, 149 — LISBOA

Especialidade em Chás, Cafés e Manteigas
Generos de mercearia de primeira qualidade — Louças e vidros

Vinhos recebidos directamente de Arruda

LIBANIO DOS SANTOSVINHOS E SEUS DERIVADOS
RECEBIDOS DIRECTAMENTE DO LAVRADOR
TABACOS E COMIDAS

206, Calçada da Ajuda, 206 — LISBOA

Sucursal: Rua das Açucenas, 1 (antiga casa do Abade)

A Questão das Aguas

O decreto ultimamente publicado pela pasta das Obras Publicas e Comunicações, sobre o abastecimento de agua á cidade de Lisboa, obriga-me a fazer um desvio no caminho traçado, para consagrar algumas palavras áquele importante diploma.

O illustre ministro daquela pasta, o moço e activo engenheiro Duarte Pacheco, havia prometido publicar em breve um decreto que resolvesse de vez aquela magna questão; e fiel á sua palavra, apresentou um diploma cuja importância e oportunidade é desnecessário encarecer. *A acuidade do problema a resolver não admite demoras em discussões que os antecedentes mostram ser estereis; o interesse publico exige que elle tenha solução rápida e pronta*, diz muito bem o relatorio que o precede.

Mas havendo uma Companhia concessionaria para aquele abastecimento, e podendo ser feito, nesta altura, quer pelo Governo, quer pela Camara, o resgate dos seus contractos, e tendo a Camara, pela sua recusa em fazer o resgate, nas condições estipuladas pelo tribunal arbitral, ficando colocada fora da contenda, só ao Governo pertencia agora resolver a questão.

E o Governo fez o que podia e devia fazer: Convidou a Companhia Concessionaria a fazer novo contracto nas bases propostas, ou então fazer o resgate dos contractos, e, ou directamente, ou por *«intermédio de novo concessionário, fazer funcionar o serviço de abastecimento de agua de Lisboa em indicações de completa satisfação publica e particular»*.

Oxalá que este objectivo que tanto interessa á cidade, e particularmente a esta freguesia da Ajuda, seja amplamente alcançavel.

A actual Companhia, na execução do serviço de abastecimento de águas, adquiriu uma determinada prática e certa competência, que o Governo procura aproveitar, convidando-a a aceitar o novo contracto; mas não o aceitando, o Governo resgata e toma conta de todas as suas instalações e obras pois que *«o serviço publico do abastecimento de agua não suporta demoras diferentes das exigidas pelas proprias necessidades da execução das obras»*.

Aqui, neste modesto quinzenário, em artigos successivos me tenho occupado desta importantissima ques-

tão, tendo mostrado que, caso a Camara houvesse feito o resgate, essa operação deveria ser a fundamental para que se podesse fazer novo contracto, possivelmente com a antiga Companhia concessionaria, de forma a garantir os interesses da cidade; compreende-se bem que em quarenta e quatro anos, pois tal é o tempo decorrido sobre o último contracto, a cidade aumentou consideravelmente, e as suas exigencias se tornaram muito maiores, não satisfazendo ás exigencias modernas da hygiene privada e publica, os outros contractos. E não se fazendo o resgate pela Camara, por recusa desta, só o Governo poderia resolver a questão pela forma por que agora a encareou.

O preço da agua é desde já elevado para dois escudos o metro cúbico, *preço este muito inferior áquele pago em muitas povoações dotadas com o serviço publico de abastecimento de aguas*, e o preço do aluguer dos contadores para 1\$50 e 3\$00 mensais, conforme estes forem, de ar livre ou de pressão. Este aumento de preço é inevitavel, atendendo á necessidade de remunerar o capital acionista e obrigacionista empregado, pagar as despesas de exploração e de administração, e constituir o fundo para as obras previstas. Mas esse preço não é permanente; á medida que o consumo aumentar para além de certos limites, o preço da agua baixará, pois que *aquelas despesas* não aumentam proporcionalmente ao consumo, atendendo á que para grandes diferenças de consumo, será pequena a diferença das citadas despesas. E com razão diz o relatório que venho analisando: *é evidente que o publico paga para ser convenientemente abastecido. Obrigado a optar entre os dois membros da disjuntiva, crê-se que o publico não hesitará em se decidir pelo primeiro»*.

E como a abundancia traz o consumo, prevê o relatório que quando

o consumo anual, que ao presente não ultrapassa oito milhões de metros cúbicos, alcançar o dôbro desta quantia, será o preço da venda de agua ao publico, igual áquele que tem hoje.

E' alargada a dotação gratuita do Estado, de forma a atender ás necessidades modernas da hygiene publica da cidade e o seu aformoseamento.

Emquanto á remuneração do capital, que no regime actual não vae além de 6 ½ por cento, pode ele subir progressivamente até alcançar a taxa de 8 ½ ou mais, segundo os cálculos feitos, pelo que informa o relatorio que venho analisando. E estabelece ainda o principio do resgate para dez anos depois da assinatura do novo contracto.

Emquanto ás obras previstas, são elas feitas por fases successivas, integradas num plano geral, moldado a dar satisfação ás possiveis exigências da população da capital.

Nós, que sómente pretendemos o bem publico, damos todo o nosso apoio a este importante decreto, confiados de que elle poderá resolver uma das questões de maior monta para o bem estar da cidade, contribuindo alem disso poderosamente para minorar a grave crise de trabalho que neste momento aflige as classes operarias.

A assembleia geral da Companhia das Aguas, para se pronunciar sobre a aceitação do novo contracto, está marcada para o proximo dia 8.

E' isto o que se me oferece dizer em rápidas palavras, sobre o relatorio que precede as bases do novo contracto, ficando a análise dessas bases para o proximo numero.

B. S.

TRAVESSA DA BOA HORA

Voltamos a insistir para que seja convenientemente reparado o pavimento da Travessa da Boa Hora, que se vai tornando intransitável. Quando chove, então é um pavor. Convidamos quem de direito a visitar este local, para que, de *visu*, possa avaliar a razão que nos assiste.

Santos & Brandão
CONSTRUCTORES

Serralharia — Forjas — Caldeiraria — Soldadura a autogénio

Rua D. João de Castro, 28 (Rio Sêco) — Telef. B. 207

Casas comerciais e industriais que recomendamos aos leitores de "O COMERCIO DA AJUDA"
e onde este jornal pôde ser adquirido gratuitamente:

ABEL DINIZ D'ABREU, L.^{DA}



PADARIA

Fornece pão aos domicílios



55, Calçada da Memória, 57 — LISBOA
TELEFONE BELEM 520

José Vicente d'Oliveira & C.^a (F.^o)

Sucessor: FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA

Fábrica de cal a mato e todos os materiais de construção

33, Rua do Rio Sêco, 33 — LISBOA
TELEFONE BELEM 56

Pérola do Cruzeiro

DE
JOÃO DE DEUS RAMOS

Géneros alimentícios de primeira qualidade
Especialidade em chá e café — Vinhos finos, do Porto e de pasto
Azéites finos e carnes fumadas

PREÇOS SEM COMPETENCIA

54, Rua do Cruzeiro, 56 — AJUDA

TRANSPORTES DO ALTINHO

A. A. JERÓNIMO

Suc. de Sebastião dos Santos

Carruças de aluguer para todos os serviços de transportes

Fornecedor de materiais de construção

TELEFONE BELEM 154

Rua das Casas de Trabalho, 109

Drogaria e Perfumaria

DE

ANTONIO MORAIS DOS SANTOS

Drogas, tintas e vernizes

Sabonetes e perfumarias dos melhores fabricantes

142, Calçada da Ajuda, 144 — LISBOA

TELEFONE BELEM 220

AGENCIA FUNERARIA

DE

António Serapião Migueis

Calçada da Bôa-Hora, 216 — LISBOA

TELEFONE BELEM 367

DESPORTOS

Faça-se exercicio fisico.—A laranjinha

Toda a gente ou quasi toda a gente admira os feitos dos desportistas célebres; e também os admiradores das belezas e dos encantos dos exercicios fisicos super-abundam. Há ainda aqueles que esses encantos e essas belezas cantam em todos os estilos e que ajudam portanto a manter vigoroso o espirito desportivo.

Mas, ocorre perguntar: entre tantos milhares de individuos incluídos nas categorias anteriores, quantas dezenas, de facto, praticam qualquer exercicio desportivo? O número de praticantes do desporto representa percentagem digna de nota entre a grande multidão?

O leitor, se quizer, pode concordar comigo nesta sentença: o número de desportistas é ridiculamente ínfimo.

Há muita gente que entende o assunto a seu modo. Dêstes, há muitissimos cuja actividade desportiva se resume... a vêr os outros fazer desporto! E já é alguma cousa...

Quando chega o domingo, o programa de cada um é, pouco mais ou menos, o seguinte:

Levantar tarde (já basta que de semana se faça o sacrificio de sair da cama cedinho); almoçar repimpadamente; vestir a andaina das grandes ocasiões; sair de casa e ir apanhar um carro para qualquer dos cinco rectângulos onde se joga *foot-ball*; gritar, etc., e volta ao lar.

Aqui está um dia «cheio»! E com ele fica satisfeito o operário ou o caixeiro, necessitados de gymnastica em 99 casos de 100; o mancebo que,

cêrca dos vinte anos, não repara no seu peito transparente ou nos braços de linha; e também muito bom adulto, cujo tempo seria muito bem empregado fazendo um pouco de marcha logo de manhã. Enfim, cada um come do que mais aprecia...

Ha ainda outros que vão fazer um exercicio completo, para abater a barriga, dizem eles, em caves, por via de regra, com pouco ar e... bebida de mais. E' a «laranjinha».

Ora eu admiro este jôgo e atrevo-me a proclamar a sua excelência. Mas, há que distinguir: defendo a sua prática em condições diversas daquelas usadas hoje.

Já pensaram os clubes em preparar caixas de laranjinha ao ar livre? Aham que não saberia bem nestas manhãs de aragem cortante um pouco de exercicio com as bolas de madeira? Pois experimentem e verão.

Pois eu não admito a laranjinha jogada em tabernas — ou adegas, como também lhes chamam. Ai as condições higiénicas são precárias: mau ar e falta de asseio. Além disso acresce que é prato obrigado a absorção de vários litros de vinho, do que resulta maior prejuizo do que proveito. Mas, expurgado esse útil jôgo dêstes inconvenientes, fica um exercicio muitissimo útil, além de os respectivos tabuleiros serem relativamente fáceis de instalar.

Avisaremos dos progressos que a laranjinha for fazendo — ao ar livre, já se deixa ver.

Lucas Jr.

IX Portugal-Espanha em Football

Sôbre este assunto, recebemos a seguinte carta:

«Sr. Director de «O Comércio da Ajuda» — Os meus cumprimentos pela esplendida orientação dada ao jornal sob sua direcção.

Pedindo a V. desculpa da impertinência, solicito a sua atenção para apresentar o alvitre que passo a expor:

Como V. sabe, foi definitivamente marcado para o dia 2 de Abril do próximo ano o IX Portugal-Espanha, em foot-ball, desafio que se realizará na cidade de Vigo. Lembrando o belo exito da excursão a Coimbra, organizada por esse jornal, levada a efeito na época passada, quando da memoravel final Belenenses-Porto, eu alvitrova organizar o «Comércio da Ajuda» uma excursão a Vigo, que seria ao mesmo tempo uma calorosa falange de apoio ao grupo nacional.

Mediante inscrição prévia, fretar-se ia um auto-carro, o suficiente amplo para uma viagem com comodidade. Visto que há ainda grande margem de tempo, poder-se ia facilitar o pagamento em prestações semanais ou mensais, pagando os excursionistas inicialmente uma importancia de antemão fixada, irrestituível em caso de desistência.

Eliminando-se as deficiencias notadas na excursão a Coimbra, e estudando-se bem a organização da viagem, afigura-se-me destinada a exito seguro a ideia que tive a ousadia de expôr. De resto, as pessoas que estão á frente do jornal, entusiastas de verdade, não deixarão certamente de chamar a atenção dos seus leitores para este alvitre, que, realiado, além de se tornar numa agradabilissima digressão seria também uma iniciativa brilhantemente estrondosa de «O Comércio da Ajuda».

Agradecendo a sua benevolencia, subscrevo-me com consideração — A. C. A., LEITOR AMIGO

Ping - Pong

Da Secção Desportiva do Ajuda-Club recebemos um cartão de livre entrada para os jogos do I Campeonato de Ping-Pong do Lisboa, que se efectuem na sua sede, o que muito agradecemos.

Se quereis fazer as vossas compras em boas condições, ide fazê-las aos estabelecimentos de

FRANCISCO DUARTE RESINA

R. do Cruzeiro 101 a 117, Telef. Belem 551, ou Calçada da Ajuda 212 a 216, Telef. Belem 552 (antiga mercearia Malheiros)
que aí encontrareis um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, e muitos outros artigos por preços módicos; e a máxima seriedade comercial.

Ao menos a título de curiosidade fazei uma visita áqueles estabelecimentos, para vos certificardes da verdade, que o seu proprietário agradece

QUANDO, depois de publicado, fizemos a leitura do nosso último artigo, uma onda de indignação nos perturbou o espirito, ao encontrar duas gralhas importantes, com que os Srs. tipógrafos falsearam o que havíamos escrito.

Foi nossa intenção tirar um desfoço

A Ajuda de outros tempos

no artigo de hoje, erguendo logo de começo um pelourinho em que expussemos á execração dos leitores, aqueles que assim contribuíram para que o nosso fígado se irritasse; mas, ao lembrarmos de que eles são nossos colegas, e de que, na nossa longa carreira tipográfica, possivelmente teremos por vezes incorrido em idênticos erros, á mente nos acudiu a sublime doutrina, e, batendo contritamente no peito, apenas podemos dizer: — «Perdoai-nos, Senhor, como nós lhes perdamos».

Quos leitores também lhes perdõem, e nós passamos a fazer as necessárias correções.

Foi a parte final do artigo a mais lamentavelmente deturpada. Satu publicado que no palácio real, em tempos de D. João V, se executavam em dias

festivos cantatas de vários autores, e que, por essa época, já o drama musical se tinha generalizado por toda a Eupopa, ao impulso dado pelas obras de Monteverde Lulli.

Ora a verdade é que nós havíamos escrito, com todas as letras: *o drama musical se tinha generalizado por toda a Europa, ao impulso dado pelas obras de Monteverde e Lulli* — os dois compositores italianos que no século XVII foram verdadeiramente os iniciadores desse género de musica e conseguiram divulgá-lo na Itália e na França.

Mais adiante, ao falarmos do teatro mandado construir por D. João V no seu palácio de Belém, escrevemos que se supõe ter ele sido inaugurado a 4 de Novembro de 1739, e não 1759, como saiu publicado.

Foi exactamente este erro o que mais nos impressionou, por se tratar duma data que tem dado lugar a várias confusões e a divergências entre alguns autores. Ao passo que uns apontam como rigorosamente exacta, outros lhe negam veracidade e afirmam que o teatro em questão foi inaugurado dois anos antes, isto é, a 4 de Novembro de 1737.

Há ainda quem, confundindo o Teatro de D. João V, com o Teatro da Ajuda,

de que adiante falaremos, atribua á abertura d'êste último aquela data de 4 de Novembro de 1739, o que evidentemente é um erro, visto que o Teatro da Ajuda foi edificado no reinado de D. José, após o terremoto, e portanto mais de vinte anos depois de 1739.

E' de veras para lamentar, porém, que nenhum dos autores que nas suas obras fazem menção do Teatro de Belém, nada mais acrescentem acerca do seu funcionamento. Ernesto Vieira, no seu *Dicionário Biográfico de Musicos Portugueses*, apenas a êle se refere de passagem; e, sendo este autor talvez o mais minucioso no apontamento das óperas executadas nos diversos teatros régios, apenas cita, como cantada na corte de D. João V, uma intitulada *La Pazienza di Socrate*, em 1733, e portanto seis anos antes da construção do teatro de que nos estamos ocupando.

Por nossa parte também nada mais podemos dizer, pois que a falta de elementos que, sobre o assunto, reduziu ao silêncio os verdadeiros investigadores, nos impede igualmente de dar maior largueza ao nosso trabalho.

Tratarmos, pois, do segundo teatro que na Ajuda existiu, e propriamente conhecido por *Teatro da Ajuda*.

O rei D. José herdou do seu antecessor o gosto por tudo em que pudesse exteriorisar fausto e grandeza, e,

Farmacia SOUSA

C. da Ajuda, 170

Telefone B. 329

Consultas médicas diárias

pelos Ex. mos Srs. Drs.

Carrilho Xavier ás 10 horas

Medina de Sousa ás 17 horas

Serviço nocturno ás sextas-feiras



A. P. BETTENCOURT & SEABRA, L. DA

OFICINAS DE ENCADERNAÇÃO

Travessa de Paulo Martins, 18

AJUDA — LISBOA

TELEFONE BELEM 517



Encadernações simples e de luxo, taes como: livros á antiga, amador e escrituração comercial

Copiadores, caixas e pastas para arquivo.

Arman-se pastas de fantasia e bordadas

Enveraisam-se mapas

por isso, mandou edificar em Lisboa, junto ao Paço da Ribeira, o grandioso teatro que se denominou *Opera do Tejo*, substituindo assim uma pequena casa de espectáculo que havia muito funcionava na chamada Casa da India.

Nada se poupou para que o novo teatro estivesse á altura do luxo e ostentação da corte nessa época. Para o delinear e presidir á sua construção, no ano de 1753, foi convidado a vir a Lisboa um architecto italiano de nomeada, José Carlos Bibiena, o qual já anteriormente havia mandado de Itália o desenho para a edificação do teatro de Salvaterra, inaugurado alguns anos antes. Como auxiliar de Bibiena, veio também de Itália outro architecto, e ao mesmo tempo pintor decorador, Giacomo Azzolini, e, de acôrdo, êstes dois notáveis artistas levaram a efeito a construção do luxuoso teatro, que passou por ser dos primeiros da Europa, pela magnificência da sua grande sala de espectáculos, pelo luxo e riqueza com que se fazia a montagem das peças, e pela primorosa execução das operas, cantadas pelos mais afamados cantores do mundo, contratados por ordem do monarca.

Mas o teatro teve vida efémera, porque, inaugurado em 31 de Março de 1755, em 1 de Novembro do mesmo ano sómente dêle restava um montão de destroços, em consequencia do pa-

voroso cataclismo que quasi por completo arrazou a capital.

Transferida para a Ajuda a residência régia, pouco a pouco neste local se foram erguendo as edificações adequadas ás necessidades da familia real, e julgou-se necessário, para regosijo da corte, edificar um teatro que dignamente substituísse o que o terremoto fizera em ruínas.

Escolhido para tal fim um terreno quasi ao cimo da Calçada do Galvão, mais uma vez foi Bibiena o escolhido para dar execução á obra. E conquanto nada possamos adiantar acerca das linhas exteriores do teatro, da sua architectura, pois que do edificio nada resta hoje, acreditamos todavia que fosse dotado com a beleza e elegância que o architecto da igreja da Memória punha em todos os trabalhos de que se encarregava.

Ainda existe quem se recorde de, quando criança, ter assistido a espectáculos ali promovidos por sargentos dos corpos aquartelados em Belém, mas é tão vaga essa recordação (de há mais de setenta anos), que, guiando-nos por ela, apenas poderemos supor não ter o teatro as grandiosas proporções da Opera do Tejo, ostentando contudo uma certa sumptuosidade.

Se a sala destinada ao público não tinha capacidade para conter um grande número de espectadores, o palco era de tão grandes dimensões que até nêle

se representaram peças de feição militar, em que se exhibia numerosa figuração a pé e até mesmo a cavallo.

Em frente do largo portão, aberto no muro para dar ingresso no terreno onde se levantou o teatro, ainda hoje existe uma reîntrância em semicírculo (a que sempre se deu o nome de Meia Laranja), evidentemente com o fim de facilitar a volta aos coches que conduziam os espectadores. O portão lá está, e actualmente chamam Pátio da Opera a todo o terreno confinado entre o muro que á direita o separa do Jardim Botânico, a comprida série de casarões á esquerda, que serviram de cavalariças do palácio e onde hoje estão instaladas algumas oficinas militares, e, ao fundo, as várias dependências da 5.ª Companhia da Guarda Republicana. Nem sempre, porém, foi assim.

No próximo artigo mostraremos, por meio dum pequeno trecho extraído duma antiga planta do bairro da Ajuda, a situação exacta do teatro e do Pátio da Opera.

A' muita amabilidade do digno bibliotecário da Ajuda, o Ex. mo Sr. Dr. Jordão de Freitas, devemos o subido favor de nos facultar a planta a que nos referimos, de autorisar a copia a publicar no número próximo, e de nos auxiliar com preciosos esclarecimentos. Aqui lhe deixamos exarado o protesto do nosso reconhecimento.

Alfredo Gameiro.

NA vasta quadra a luz esmaecia. Pelas amplas janelas coavam-se as últimas claridades do crepúsculo. Junto do fogão, em confortáveis maples, mãe e filho ouviam em silêncio o crepitar festivo das faulhas. D. Manuela, o livro descaído no regaço, poitou no filho o olhar enternecido e, encorajada talvez pelas meias sombras que iam envolvendo tudo, quebrou o silêncio:

— Há muito que ando para falar contigo muito a serio, Jorge, mas tem-me faltado o ensejo.

As mães são sempre avaras do amor dos filhos e vêem com mágnã partilharem com outrem o affecto que desejariam guardar para si indefinidamente. Mas a natureza tem leis inexoráveis a que temos de nos submeter. Gostava de te ver casado antes de deixar a vida.

— Que idea, minha mãe... Temos tempo para tratar disso.

— Não, Jorge, não temos, tudo se quer no seu tempo e tu vais já fazer os teus vinte e nove anos.

Noivado trágico

Por D. SARA BEIRÃO

Muito pode a vontade das mães!...

Um ano depois

— Que importam os anos, se eu me sinto feliz assim?...
— Não deixarás de o ser se encontrares uma mulher digna de ti. Não achas bonita a Marta?
— Como havia de ter tam mau gosto...
— Que linda noiva para ti, filho!
— Oh! minha mãe que lembrança! Não tratemos dêsse assunto, peço-lhe. E, sem dar tempo a réplicas, abraçou a mãe e saiu.

Jorge estava noivo. Marta, a linda priminha, fôra pedida para êle.

Determinou-se o dia do casamento, num Maio ridente, inebriante de perfumes.

A Natureza em flor vibrava ao ritmo das almas enamoradas.

Era enorme a azáfama para a grande festa. A capela gótica revestia-se de galas, sorrindo para unir aquelas duas mocidades.

As trepadeiras enlaçavam-se numa carícia demorada e as rosas toucavam-na a primor; o altar desaparecia sob as pétalas nevadas.

Os velhos tocheiros de prata cinzelada perfilavam-se em requintes de elegância e os ricos candelabros refulgiam aos raios de sol que entravam galhofeiros a dar-lhes os bons dias.

Pairava no ar uma alegria doída que a todos atingia: só Jorge andava esmorecido. Uma sombra vaga mas persistente toldava-lhe o semblante; em vão tentava reargir.

Marta, naturalmente melancólica, não achava estranho que o noivo o fosse também.

Muitas vezes no jardim, um ao lado do outro, ficavam-se esquecidos—ela siglando com a ponta da sombrinha a

areia do parque, êle seguindo com a vista o vôo de alguma avezita.

Entravam quando a sineta anunciava o jantar. Vinham serenos, como quem nada mais tem para dizer, satisfeitos, sem nada terem dito.

— Tam perto a boda já!
Jorge esquecia-se de tudo.

A mãe supria todas as faltas numa actividade rara. Choviam os presentes, crescia o entusiasmo. Jorge, porém, cada vez mais sucumbido, a mãe apreensiva, o pai impressionado.

Não havia memória de um noivado assim. Passava horas e horas no quarto, onde D. Manuela o ia surpreender afundado num maple, num estado de alma indescriptivel.

— E' impossivel, filho, que esta união seja a teu contento, que outro amor tu não absorvas o espirito, tam longe te vejo dêste.

— Amores!... que idea, mãe!... não há amores, há contractos e so assim se podem fazer casamentos. O coração não manda, minha mãe, as conveniências exigem e a sociedade impõe; êle pobre-coitado, tem apenas a função restrita de equilibrar a vida — nada mais.

— Sinto que me occultas alguma coisa que te incomoda, que não confias na tua mãe; pensas que ela não nota a frieza do teu noivar?!...

— Outra idea desta adorada cabecinha... Levantou-se, beijou os cabelos de D. Manuela e foi para a janela. Ficou perplexo... Em frente, desenrolavam-se tapetes, pousavam açafates de rosas brancas como pirâmides de neve.

Jorge julgou sonhar. Era então certo que todo aquê movimento girandava á volta do seu casamento?...

Uma lágrima furtiva deslison-lhe nas faces e foi rapidamente enxuta sem que a mãe a pressentisse.

Favorita Ajudense

DE J. J. CAETANO

Completo sortido de Fanqueiro, Retrozeiro, Rouparia e Gravalaria

Artigos Escolares — Material electrico

GRANDES PECHINCHAS — OS PREÇOS MAIS BAIXOS DO MERCADO

167, Calçada da Ajuda, 169

TELEFONE BELEM 456

Nova Padaria Taboense

DE ANTÓNIO LOPES MARQUES

Esta padaria está patente ao publico para verem as suas condições higienicas

Rua das Mercês, 118 a 128
AJUDA — LISBOA

(Concluí na página 7)

Casas comerciais e industriais que recomendamos aos leitores de "O COMERCIO DA AJUDA" e onde este jornal pode ser adquirido gratuitamente:

Amândio C. Mascarenhas

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL E FERRARIA
SOLDADURA AUTOGENIA

Construção aperfeiçoada de fogões em todos os sistemas e portas de fornos. Reparações em motores e máquinas de vapor e instalações electricas

R. das Mercês, 104 (Ajuda)—LISBOA Telef. B. 552

Casa do Povo da Ajuda

DE
LUIZ ANTONIO DA LUZ

Artigos de retrozaria, roupas brancas para homem, senhora e creança, e muitos outros artigos a preços módicos

113, Calçada da Ajuda, 115 — LISBOA

ANTONIO ALVES DE MATOS, L.^{DA}

R. das Casas de Trabalho, 177 a 183

GENEROS ALIMENTÍCIOS DE BOA QUALIDADE
AZEITES E CARNES DO ALENTEJO

CERAMICA DE ARCOLENA

DE
J. A. JORGE PINTO

Azulejos e louça vermelha — — Faianças artisticas
Canalisações de barro vidrado

Rua das Pedreiras, 4 — Arcolena

ANTONIO DUARTE RESINA

154, Calçada da Ajuda, 156

Neste estabelecimento de MERCEARIA, o mais antigo da freguesia da Ajuda e onde primeiro se venderam e continuam vendendo os bons

VINHOS DE CHELEIROS

encontrareis tambem um bom cortido de generos alimenticios de primeira qualidade, a preços razoaveis

Farmácia Mendes Gomes

Director técnico JOSÉ PEDRO ALVES, Farmaceutico Químico

CONSULTAS MÉDICAS pelos Ex.^{mos} Srs. Drs.

VIRGILIO PAULA Todos os dias ás 4 horas da tarde
PEDRO DE FAR A Terças-feiras ás 10 horas e sábados ás 9 horas
ALVES PEREIRA — 4.^{as} feiras ás 9 h JULIO CARVALHO — 3.^{as} feiras ás 9 h.
FRANCISCO DE AIA — Quintas-feiras ás 10 horas

Serviço nocturno ás quartas-feiras

Calçada da Ajuda, 222 — LISBOA—Telefone B. 456

Manoel António Rodrigues

COM

VACARIA E LEITARIA

Sortido de Pastelaria, Cervejaria, Vinhos finos, Licôres e Tabacos

202, Calçada da Ajuda, 204 — LISBOA

LIBREIRO, L.^{DA}

Travessa da Boa-Hora, 22 e 24 - Ajuda

LISBOA

Generos alimenticios de primeira qualidade

Louças de esmalte e vidros — — Vinhos finos e de mesa

LICORES E TABACOS

ATENÇÃO!

FATOS fazem-se desde 135\$00 a 160\$00, com perfeição e pontualidade, e a 180\$00, com forros especiais, na officina de

ANTÓNIO DO ESPIRITO SANTO JR
(ANTÓNIO ALFAIATE)

Rua do Cruzeiro (á Ajuda), 97, 2.^o, D.

A Popular da Ajuda

Carvoaria e Vinhos

DE

FRANCISCO C. PINHEIRO

DISTRIBUIÇÃO AO DOMICILIO

Jogo da Laranjinha, em coglicite, com bolas de borracha
RETIRO AO AR LIVRE

Largo Conde de Belmonte (Junto á entrada do bairro)

PEROLA DA AJUDA

DE

JOSÉ JULIO BORDALO

Mercearia, vinhos de pasto, vinhos finos e licôres
Carnes fumadas e queijo da Serra recebidos directamente

CAFÉ MOÍDO Á VISTA DO FREGUEZ

Louças de esmalte e vidros — — Artigos próprios para brindes

T. da Madresilva, 10 e 10-A — R. das Mercês, 121

Os bons vinhos da Região de Mafra:

Cheleiros, Carvalhal, etc.



MARCA - MOSTEIRO DE MAFRA

vendem-se nos estabelecimentos dos

RESINAS

Rua do Cruzeiro, 101 a 117 Calçada da Ajuda, 212 a 216

R. da Junqueira, 293-B a 293-D Calçada da Ajuda, 154 a 156

Calçada da Tapada, 47 a 53 Largo 20 de Abril (Calvário), 1

AMÉRICO HEITOR DIAS

ELECTRICISTA

Empreiteiro autorizado pelas Comp.^{as} Reunidas Gaz e Electricidade
Instalações até 24 prestações. Brinde: Um ferro electrico.

PEDIDOS á Calçada da Ajuda, 167 e 169, Telef. B 552,
onde serão atendidos com a máxima urgência

O DESEMPREGO

I

Como corolário da desorientação profunda que se seguiu á guerra e a avolumar todos os males que após a grande conflagração surgiram, succedeu o grande flagelo do desemprego como um cancro nascido para atrofiar a tão abalada economia dos povos modernos.

Não vamos profundar agora as causas determinantes do mal de que nos ocupamos. Interessa-nos apenas focar os efeitos do fenómeno, para avaliarmos até que ponto elle nos atinge e procurarmos a sua solução ou qualquer processo que o neutralize ou atenuar.

O desemprego surgiu em Portugal como lógico desdobramento do «chômage» de todo o mundo. Verificado o seu aparecimento e dada a sua constante progressão, nada se procurou obstar, qual intervenção cirurgica, a que o mal atingisse as proporções calamitosas que atingiu noutros países, aliás de muito maiores recursos. Só depois de tornado ás proporções affitivas com que está grassando, se procurou encontrar uma solução, que foi o primeiro passo dado para a resolução do problema, que, por nosso mal, já criou as raízes fundas de alguns anos. E' dessa solução que nos vamos ocupar no nosso simples e modesto trabalho.

* * *

Para atacar a crise do desemprego foi creada, pelo decreto n.º 20.184 e sob fiscalização do Estado, a Caixa de Auxilio aos Desempregados, instituição cujos recursos seriam adquiridos por contribuição obrigatória de dois por cento lançada sobre o vencimento das pessoas com mais de três dias de trabalho por semana, e um por cento pagos pelas entidades patronais sobre o total desses vencimentos.

Conquanto a toda a gente se affgurasse que era necessário opôr uma barreira que servisse de intransponível obstáculo ao mal que tão tenazmente se tem desenvolvido, a opinião geral era de que não estava ainda descoberta a solução que conseguisse levar de vencida a extinção do flagelo.

Á natural relutância que *temos todos* por uma contribuição obrigatória, juntava-se o facto de se nos suscitar a dúvida da applicação justa da verba amealhada. E essa relutância era natural. Natural e humana.

Atingindo a contribuição obrigatória os sectores de todas as actividades, indo até ao mais humilde e ignorado dos mesteres, era evidente encontrar-se nêles a natural reacção, que não era senão a consequência lógica do espirito de dúvida e desconfiança com que foi acolhido o primeiro passo de ataque á crise do desemprego. E como que a dar razão aos que não viam nesta maneira de resolver o assunto o melhor caminho trilhado, estava o

facto de o decreto que creava a Caixa de Auxilio aos Desempregados ser de uma lamentável omissão em pontos que a muitos se afiguravam de capital importância.

A finalidade da Caixa era o auxilio por meio de subsídios em dinheiro a distribuir pelos desempregados involuntários com mais de três pessoas de familia a seu cargo. Se as condições impostas para se ter direito ao subsídio eram dignas de reparo pelas injustiças que viriam a dar-se, a finalidade pratica do auxilio — subsídio em dinheiro — tornou-se digna do protesto com que grande parte da opinião recebeu o decreto que creava a *peça* que vinha aumentar mais ainda a já tão complicada máquina burocrática...

Verificados os efeitos funestos que o subsídio produziu nas finanças dos países que o adoptaram, como a Inglaterra e a Alemanha, e a faculdade de se poder manejar o mesmo como alavanca politica de largo alcance, quando todos esperavam que em Portugal se combatêsse o mal por outros processos que não fôsem os que haviam falhado noutros países, assistiu-se, com surpresa, ao desenvolver da legislação cuja finalidade era colocar sob a asa protectora do Estado, tornando-os um peso morto para a sociedade, individuos que poderiam ser úteis para o trabalho.

Creada, no papel, a organização da Caixa (cuja primeira manifestação de vida foi a de *arrecadar* a contribuição obrigatória) assistiu-se, largos meses, á espera dos resultados práticos que á mesma competiam para a solução da crise do desemprego; além da única manifestação de vida já mencionada, da referida Caixa, se não estamos em erro, nada mais se constou...

Começaram porém vindo a lume informações de que o sistema escolhido para combater o desemprego seria modificado radicalmente na sua estrutura, adoptando-se uma modalidade assente em bases diferentes das até então seguidas; nêstes termos foi publicado o decreto que creou o «Comissariado do Desemprego» junto do ministério das Obras Públicas e Comunicações.

Já este vai longo, porém. E como o espaço escasseia, occupar-nos-hemos do mesmo assunto num próximo artigo.

Afonso de Campos Aço.
Guarda-Livros

Página infantil

Por motivo da extraordinária abundancia de original, retido ha bastante tempo, somos forçados a suprimir, no presente número, a página infantil, do que pedimos desculpa aos nossos pequenos leitores.

Noivado trágico

(Continuado da página 7)

só vez se ama na vida, sacrificando-te tudo quanto de mais sagrado existe, não tinha brios tam nobres como os teus?

A honra, amigo, não é privilégio de fidalgos. Os pobres, os humildes, querem-lhe mais porque é a sua única riqueza.

Porque não pediste licença á mamã para seduzir quem na tranquillidade do seu lar nunca se lembraria de erguer os olhos para ti?

O filho, tam exemplarmente obediente, devia ser para todos igualmente correcto.

— ¡Raquel, tem piedade de mim!

— ¿E quem a tem de mim? Que fizeste do nome honrado da minha familia? e da pobre creança que acreditou em ti como em Deus?

Quando me educaram foi para ganhar a vida honestamente e não para amante do fidalgo.

— Raquel... eu soffro horrores...

— E eu que tenho soffrido? tu podes lá presumir a tempestade que me tem devastado a alma, os séculos de martirio que estes últimos meses têm representado para mim!... Nisso nunca te dignaste pensar... egoista como todos os do teu sexo.

Um trapo a mais, consideraste, a revolver-se na lama. Como as outras... como todas as desventuradas que crêem em promessas.

Não contaste com a minha revolta.

Pusilânime!.. cuidavas tu que ficarias de braços cruzados com a minha desonra, com a minha vida perdida?

Eganaste-te Jorge... tu nunca mediste a grandeza do meu amor nem calculaste a enormidade da minha mágnã.

Prometi a mim mesmo que não casarás e não casas.

Venho propor-te o suicídio, aceitas?

— Raquel... que alucinação! acalma os nervos.

— Não posso nem quero. O teu casamento é depois de amanhã: decentemente não podes renunciar a êle. Matemo-nos, que é a única porta por onde podemos sair juntos.

— Raquel... que loucura!...

— Aceita, Jorge, estou decidida a tudo. Morrerei contigo satisfeita, mas ver-te casado com outra, isso nunca!

— Um pouco de serenidade, minha amiga.

— E's tu que me pedes serenidade... tem graça... Quem teria tido mais!... tu... é verdade... tu és muito mais sereno, atirando com a desgraçada ao monturo onde se decompõem todas as infelizes como eu.

Desta vez falhou o cálculo da mãe e do filho. Não contaram comigo!... Não me escarneças, juro-te. Sem coragem para arrostar com a vontade dos teus... mas na sombra... enlameando os pobres — és um valentão! Não aceitas?

Jorge, lívido emudeceu.

Raquel num gesto brusco, alucinada, ergueu o braço activo e desfechou o revolver...

Jorge levou as mãos ao peito e, ansiosamente implorou:

— Foge... Salva-te.

Pela escada do jardim uma sombra desapareceu.

* * *

Todos acordaram com a estranha detonação. Acorreram ao quarto do desventurado noivo.

Encontraram-no num mar de sangue a esvaír-se!...

— Mataram o meu filho, o meu adorado Jorge — gemia, desvairada, a pobre mãe abraçando-o, julgando prendê-lo á vida que via a desampará-lo...

— Procurem o assassino.

— Não foi... — balbuciou o muribundo — limpava... o revolver... a bala partiu... veio de ricochete... cravar-se aqui...

Não disse mais...

E assim acabou aquele noivado tragico.

Salão Portugal**CINEMA SONORO**Emprezário **J. NICOLAU VERISSIMO****Travessa da Memória - Ajuda**

TELEFONE BELEM 124

DOMINGO, 4 - Às 19 horas**O EXPRESSO DE XANGAI**Filme sonoro, com MARLENE DIETRICH, CLIVE BROOK,
ANNA MAY WONG e WARNER OLAND**Outros filmes sonoros de successo**

— NA MATINÉE, às 2,30 horas da tarde —

**FANTASMA DO RANCHO-NORTE CONTRA SUL
LIBERDADE, com Bucha e Estica**

MATINÉES TODOS OS DOMINGOS

Dia 5 { **O EXPRESSO DE XANGAI**
Outros filmes sonoros de successoDia 6 { **A CONDESSA DE MONTE CRISTO**
MANOBRAS DE AMOR

Os melhores programas com preços mais baratos. Os espectáculos aos domingos começam às 7 horas, em sessões permanentes. O cinema mais frequentado e que exhibe as melhores produções desta época. A melhor instalação sonora da parte ocidental da cidade, propriedade da empresa.

Marcações pelo Telefone Belém 124**A melhor instalação sonora dos cinemas da parte ocidental de Lisboa****Casas do Estado**

Sob este título publicámos no n.º 27 deste quinzenário um pedido a quem superintende nos Bens Nacionais, para que mandasse reparar e alugar as casas de habitação que o Estado possui nesta freguesia, e que estão devolutas ha muito tempo.

Por esse motivo, ou por acaso — isso não interessa — algumas dessas casas foram postas em praça para alugar, no dia 29 do mês findo.

Até aqui está bem, merece elogio, mas... ha sempre um *mas* que nos obriga a estar em desacôrdo com coisas que à primeira vista parecem perfectas, mas que afinal o não são.

Algumas dessas casas estão num estado vergonhoso: imundicie, solhos podres, tectos por cair e telhados em misero estado. E assim foram postas em praça, sem serem reparadas, o que é contra a lei do país e contra todas as leis humanas.

Nenhum proprietário pode, nem deve, alugar casas para habitação sem que estejam em condições higiénicas, e aquelas não estão.

Mas foram alugadas — dir-me-hão. E' verdade, e por quantias tão exorbitantes, que só a grande falta de casas, por preços em harmonia com as pequenas bolsas, e o desejo de cada um possuir o seu lar independente, explica o anseio com que offerceram tanto dinheiro por espeluncas, onde nem irracionais a Camara Municipal, se fosse ouvida, consentiria que fossem alojados.

O Estado não deve continuar a dar exemplos destes; já basta não cair

as frontarias das suas propriedades ha mais de 50 anos — o que é contra as posturas municipais, que obrigam os proprietarios particulares a caia-las de 8 em 8 anos — quanto mais não cuidar do interior das mesmas — o que é contra as leis da hygiene.

O Estado perdeu uma boa ocasião de fazer boa figura, com proveito para a Fazenda Nacional, e dando que fazer a alguns desempregados, se tivesse cumprido a lei, ao menos, com as casas da Calçada da Ajuda, 231 e 233, gastando nelas uns dois contos em reparações. Estas casas foram abandonadas ha mezes pelo inquilino, que pagava 158\$00 mensais, por não poder lá viver em consequencia de chover como na rua, e não terem atendido o seu pedido de reparações.

Pois essas casas foram agora alugadas por 61\$00, o que não sucedia se as tivessem reparado, pois que além de, possivelmente, rend-rem a mesma importancia ou mais, poderiam, talvez, ser divididas para dois inquilinos, reembolsando o Estado a importancia das obras em menos de 2 anos, e evitando a permanencia de pardieiros em volta do Palácio da Ajuda, que nada o honram. E basta, por hoje.

*Francisco Duarte Resina.***Réclamo original**

Interessante a iniciativa da Empresa do Cinema Palatino, que se propõe, no próximo dia 9, pelas 21 horas, fazer partir, simultaneamente, do Roc o e da Calçada da Ajuda, dois carros electricos postos á disposição do público, que nada pagará, tanto de passagem como de entrada para assistir ao grandioso espectáculo que nessa noite se realiza, e de cujo programa faz parte a super-produção «A Aventureira de Tunis».

Associação Luiz Braille

Na sede da Associação Luiz Braille, instituição de auxílio e habilitação de cegos, sita na Rua Alves Correia, 86, 1.º realiza-se, amanhã 4 do corrente, uma festa promovida por um grupo de associados, com o meritório fim de minorar a situação de alguns dos seus componentes que, bons artistas musicais estão há muito tempo sofrendo as contingências do desemprego.

Ao artistico programa, elaborado com proficiencia, cedem o seu valioso concurso cotados artistas o que garante a esta beneficente festa um brilho invulgar.

SONETO

escrito expressamente para a festa a realizar na Associação Luiz Braille, em 4 de Dezembro de 1937, e gentilmente recitado pelo insigne artista Vasco Santana:

A LUZ DO ESPIRITO

A luz intensa e forte a brilhar fulgurante,
Perene de esplendor, que a vida tonifica,
Tem uma tal beleza, enorme, dominante
Que é das plenas do céu, sem a vida a mais rica.

A treva densa, negra, é triste horripilante,
Escruidão atroz e cáos que terrifica,
Mas breve se transforma em aurora brilhante
Se acaso a luz a extingue e assim se modifica.

Bendita seja, pois, a fôrça redentora
Que opera na negrura essa transformação
E torna a vida amena e talvez sedutora.

Porque, apesar de agreste, a dura provação
Enfim, deixa de ser visão ateradora
Ao receber a luz bendita da instrução.

*Alexandre Settas.***Club Musical 1.º de Janeiro de 1901**

Esta florescente colectividade, realiza imponentes festas nos dias 3, 4, 5 e 8 do corrente, tendo o Grupo «Os 10», de colaboração com senhoras muito dedicadas ao Club, organizado um programa muito atraente.

Agradecemos muito penhorados a amabilidade do convite recebido.

MERCEARIA CONFIANÇA

Verdadeira selecção em todos os
géneros de primeira necessidade

João Alves

CALÇADA DA AJUDA, 95 E 97 - LISBOA

Nesta casa tambem se vendem os afamados VINHOS DE CHELEIROS (Mafra)